

Segundo uma previsão feita por Lacan, por ocasião da publicação de *Televisão*, em 1974, seriam necessários dez anos para que aquilo que ele então falava, ou seja, sua transmissão da psicanálise, se tornasse clara para todos. Transcorrido um tempo consideravelmente mais longo do que uma década, penso que os leitores concordarão comigo sobre o fato de que ainda não podemos dizer que a teoria lacaniana tenha se tomado plenamente elucidada. Entretanto, vez ou outra, surge, aqui ou ali uma obra ou outra que nos surpreende por apresentar o pensamento de Lacan, tido como hermético e de sintaxe difícil, com uma tal clareza e coerência que só nos resta dar a elas as boas-vindas e comentá-las. Este é o caso particular do livro de Marcus André Vieira, *A Ética da Paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*.

Como explica o próprio autor no prólogo, o texto nasceu como uma tese de doutorado defendida na Universidade de Paris VIII e publicada na França em 1998 com o título *L'éthique de la passion*. Para a atual versão para o português, entretanto, Marcus André retirou algumas partes mais técnicas e pesadas, frutos de exigências acadêmicas, que perderam o seu sentido no momento em que a pesquisa se propôs a atingir um público mais amplo. Assim, o fio condutor do trabalho se explicita como uma reconsideração rigorosa e exaustiva do lugar da teoria do afeto na psicanálise, tanto em Freud quanto em Lacan.

A arte do bem-dizer e o lugar do afeto na psicanálise

Resenha de Marcus André Vieira, *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*, Rio de Janeiro, Zahar, 284 p.

Convenhamos que a proposta é bastante ambiciosa. Mas, convenhamos também, e isso é o que acaba sendo o mais importante, que esta é uma tarefa oportuna e necessária. Principalmente quando se pensa que Lacan, por causa de leituras distorcidas e equivocadas de alguns quanto à questão do afeto em sua obra foi, sem mais, considerado como redutor da psicanálise e artífice de um intelectualismo imperdoável. Acusado de ter, num passe de mágica, acabado ou pelo menos, muito menosprezado o afeto para só se referir a uma teoria dos significantes, o pensamento de Lacan, profunda e injustamente interpretado, aguardava uma pesquisa iluminadora como esta que lhe fizesse finalmente a merecida reparação. Nisto reside a grande atração especialmente da primeira parte da obra, ou seja, dos três primeiros capítulos que prendem a atenção do leitor pela forma clara e convincente com que o autor vai mostrando o verdadeiro retorno a Freud proposto por Lacan, e de como este seguiu de perto uma teoria dos afetos já existente em Freud, especialmente em *Inibição, Sintoma e Angústia*.

Já os demais capítulos vão se referir de uma forma instigante e não menos sedutora a um outro ponto resultante da teoria dos afetos em Lacan, que vem a ser a relação inerente, essencial e aparentemente apagada entre essa teoria e o conceito lacaniano de fantasia, especialmente ao chamado *matema do fantasma*, matriz primordial das relações que interligam sujeito e objeto (S barrado <> de "a"). E ainda, como consequência e desdobramento da íntima cumplicidade entre afeto e fantasia, surge o ponto alto da pesquisa: a ética tal qual a concebe Lacan enquanto uma ética da psicanálise, ou seja, a equivalência que passa a existir entre ela e a arte do Bem-dizer.

Desde o título, mantido do francês, o leitor já pode se mostrar intrigado, senão mesmo desconfortável com esta aproximação da Paixão enquanto afeto, de um lado, e de outro, o seu atrelamento a uma ética que, por mais vago que se queira o conceito de ética, estará sempre convocando o sujeito, não um sujeito qualquer, mas um sujeito que faz escolhas e que é capaz de se responsabilizar por elas. Nada mais distante e difícil de harmonizar do que o dito anarquismo

e a desmesura das paixões com a condição de escolhas lúcidas, ponderadas e responsáveis de uma ética. Eis, porém, exatamente onde a argumentação do autor é convincente, clara, coerente, e, por isso mesmo, arrasadora: não nos esqueçamos, nos avisa: o sujeito, mesmo o mais apaixonado, é ainda sujeito. "De nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis", não nos deixa esquecer Lacan. Uma nova topologia dos afetos se desenha e uma nova ética dela decorrente é apresentada ao leitor. Aí vemos ressurgir a Angústia como o afeto que, não enganando jamais, é considerado o verdadeiro axioma da psicanálise.

Na medida em que o autor vai desenvolvendo seu pensamento, o leitor consegue apreender, na própria trama dos conceitos, o vasto propósito do projeto, ou seja, Marcus André, ao se propor a reconsiderar o lugar do Afeto na psicanálise, vai, na verdade, fazer com que todas as pedras do tabuleiro da psicanálise se movimentem e se reorganizem. Ao tratar de uma vasta gama de fundamentos teóricos da clínica e da forma como eles estão enlaçados entre si, o autor nos mostra como o Afeto, não podendo ser desatrelado da linguagem e do pensamento, não tendo também nenhuma autonomia energética com relação ao discurso, ele pode no entanto nos servir de guia naquilo que chamaríamos uma direção do tratamento.

A Angústia seria o afeto-guia nesta passagem obrigatória que leva o sujeito a um final de análise onde sua posição estará sempre mais ligada ao não-ser do que propriamente ao Ser. Neste sentido:

“Tudo começa com a angústia. A angústia assinala um momento de caos, perturba, desorienta, comove, locomove e, eventualmente, conduz ao consultório do analista. Ela é anterior ao próprio caos, pois este é apenas inferido, suposto, a partir da experiência da angústia. Trata-se de um desmoronamento radical das escoras subjetivas.” (p. 163)

A angústia como afeto maior nos indica, nas formulações do autor, como toda análise coloca em jogo a questão do ser. O sujeito procura uma análise, angustiado, em busca da construção de um ser diferente daquele que está sendo a causa do seu sofrimento. Buscando o não-sofrimento ele vai querer dar consistência a um ser no imaginário. E, justamente, o foco do trabalho analítico é o contrário desse procedimento, ou seja, visa levar o ser-da-fala, o “parlêre”, a uma “des-subjetivação”. Este processo está muito bem explicitado pelo autor durante toda a obra; entretanto, para que o leitor possa realmente não perder o fio da meada e acompanhar a tessitura do trabalho, é conveniente que uma especial atenção seja dada ao segundo capítulo: “De um outro Freud”. Aqui se explicita onde foi que o autor colocou os nós de força, em que se respalda sua tese, ao nos mostrar como é que Freud não é cartesiano:

“Para escapar aos impasses que embarçam a leitura de Freud, é preciso estabelecer novas bases e introduzir algumas chaves que permitam delimitar um enquadre diferente do enquadre cartesiano” (p. 34).

Utilizando-se de recursos da filmografia, especialmente do filme *Spellbound* de Alfred Hitchcock, Marcus André consegue, numa linguagem extremamente clara, mostrar ao seu leitor, com o rigor que acompanha todo o seu trabalho, não só como certa leitura pode pecar por uma ótica redutora e simplista, ou seja, se utilizando de uma teoria da “oposição que enquadra e dá sentido ao modelo hollywoodiano da ab-reação” (p. 21), mas, também, como a psicanálise de Freud não pode endossar as teses de Descartes que necessariamente levariam a uma ética fundamentada no exercício voluntário da razão, uma vez que:

- para o pensamento cartesiano as paixões seriam engendradas na alma a partir do corpo;
- pela maneira como o corpo seria afetado pelos objetos e estaria na dependência destes objetos, havendo, desta forma, objetos bons em relação à natureza do corpo;
- teríamos, assim, paixões agradáveis ou desagradáveis;
- o homem seria determinado pela natureza do seu corpo, mas suas escolhas seriam livres. Daí decorreria a necessidade de se fazer boas escolhas no plano do mundo por meio do exercício da razão (cf. p. 123).

Descartado o “enquadre cartesiano”, o autor nos embarca numa viagem detalhada pelas éticas de Espinosa e de Kant, percurso feito por Lacan até chegar à sua ética do Bem-dizer. Única ética concebível para a psicanálise que vê no sujeito um ser-da-fala, o “parlêre” lacaniano.

A passagem por Espinosa pode ser resumida na seguinte fala do autor no subtítulo “O enquadre espinosista”:

“Com Espinosa, Lacan pôde circunscrever e formalizar em Freud relações impossíveis de serem visualizadas pelas lentes cartesianas. Aquilo que em *Inibição, Sintoma e Angústia* o eu experimentou, aparentemente exterior e parecendo afetar o corpo, a ameaça de castração, pode ser concebido como a incidência de uma determinada relação e não como efeito de um objeto concreto sobre o corpo. A ética incide, a partir de agora, sobre relações e não sobre a natureza dos objetos. O bom e o mau não estão mais no mundo, mas sim na articulação entre o corpo e o objeto.” (p. 126)

O próximo ponto de parada e reflexão vem a ser a ética de Kant. Marcus André nos dá uma visão importante, atendendo-se aos pontos-chave de como Lacan no seu célebre artigo, até hoje polêmico e instigante, “Kant com Sade”, demonstra que a radicalidade da posição kantiana, excluindo o afeto do campo da ética, ao propor o imperativo categórico como o único valor,

de caráter universal, seria na verdade e tão-somente o reverso da teoria do Marquês de Sade. A exclusão do sensível, do particular, iria apenas evidenciar como os desejos (desejos bestiais), enxotados por uma porta, retornariam por outra de forma mais desumana e cruel ainda. Definitivamente a ética da psicanálise não vai por esses caminhos. Esse artigo de Lacan, como demonstra o autor, daria subsídios ao leitor para perceber que a consideração do afeto tão-somente pela via do significativo, do simbólico, implicaria em se “elevar a alcova sadeana” à categoria de objeto ético!

Porém, a cadeia dos significantes, fazendo parte da álgebra mínima que permite o manejo lógico do surgimento do sujeito e de sua ética, seria composta, além de S1 e S2, por um elemento representativo do registro do Real, o célebre objeto pequeno “a”, resto de gozo que faz aparecer o sujeito dividido como resultante do encontro de S1 e S2. Lacan teria reivindicado para si a contribuição, segundo ele sua única contribuição totalmente criativa para a psicanálise, ou seja, o conceito de objeto “a”, verdadeiro rearticulador da teoria psicanalítica. Todos os remanejamentos propostos por Lacan para uma nova ética seriam resultantes desta sua criação que pode ser vista como verdadeiro divisor de águas tanto na teoria como na clínica.

O objeto pequeno “a” e os afetos estariam intimamente ligados, uma vez que afeto, gozo, corpo, Real seriam todos elementos de um mesmo paradigma

LEITURAS

ma, diferenciado do registro do Simbólico ao qual pertenceriam os significantes. Daí que, num primeiro momento, Lacan chamou a ética por ele articulada como a única que poderia servir à psicanálise, a ética do Real, do Real relacionado à “*das Ding*”, de Freud.

Marcus André vai apontar o que realmente interessa nessa crítica que Lacan faz à posição kantiana, valendo-se já da teorização lacaniana de gozo com seus desdobramentos:

“O afeto deve ser compreendido como o que depende ao mesmo tempo do significante e do gozo, de uma certa modulação entre eles que detém o sujeito no limite do suportável, no limite do humano (...)” (p.133)

Prosseguindo, delimita-se o papel essencial da angústia com relação a uma ética do desejo:

“Aquilo que Lacan delimita a partir de Kant, que diz respeito a uma área obscura no campo da Lei, a uma zona silenciosa, pode então ganhar corpo como (sendo) esse ser tão íntimo e tão estranho, que de saída se instaura como a própria carne de que o mundo é feito, no registro dos valores éticos. Se a ANGÚSTIA (o destaque é meu) pudesse ser localizada, o seria neste ponto, êxtimo ao campo da realidade. Com efeito, a partir da retomada lacaniana deste afeto, não podemos mais vinculá-lo aos objetos do mundo, mas sim a um objeto de natureza puramente formal, cuja essência só pode ser traduzida pela idéia de extimidade” (p.135)

Depois de uma breve história do percurso das diferentes acepções em que a palavra *angústia* foi tomando através dos tempos, o principal nome próprio mencionado como do primeiro responsável pela pro-

blematização do conceito foi o de Kierkegaard.

O conceito de Angústia, bem como uma profunda reflexão sobre seus desdobramentos, não deixa de ocupar um lugar privilegiado em toda a obra, especialmente no último capítulo antes da conclusão, quando um rico e abrangente catálogo dos afetos é elaborado. Partindo dela como a verdadeira, senão mesmo a única bússola, à disposição do analista na rota do desejo e na direção do tratamento, o autor passa a dissecar outros tantos afetos, como as paixões, estas em número de três, a saber: Amor, Ódio e Ignorância; também a Culpa, o Temor, a Piedade, o Amor de transferência, a Fascinação, a Beatitude, o Tédio, o Estranhamento (*Umheimlich*), a Alegria, a Mania, o Ciúme, a Inveja, a Cólera e a Tristeza dentre alguns outros ainda, pois esta listagem não se pretende exaustiva.

De particular interesse para o leitor merece ser citado o subtítulo “Tristeza e pecado”. Em *Televisão*, texto decisivo para o tema da pesquisa de Marcus André, Lacan vai vincular, de forma clara e definitiva, ética e afeto. Enquanto Espinosa exortava ao Bem-pensar, Lacan vai incitar ao Bem-dizer. Com ambos, Espinosa e Lacan, “a tristeza passa a ser caracterizada como má enunciação, fruto de um dito que se pretende antinômico ao gozo. Por isso Lacan definirá a tristeza nos termos de uma “falta

moral”, de uma “covardia”, de um pecado” (p.108), caracterização esta que até hoje faz correr muita tinta e continua propiciando muitas discussões.

Se, entretanto, algum ponto neste trabalho existe que deixa algo a desejar, esse ponto seria a ausência de um maior rigor no que diz respeito ao tratamento do signo, ou seja, uma verdadeira teoria do signo se fazendo presente, de forma que uma proposta de simples substituição de “símbolo” por “significante” (p. 49) não seria possível sem uma argumentação fundamentada, uma vez que as leis que regem o “símbolo” não são as mesmas que regem o “significante”. Vê-se, porém, que o autor não é o único a deixar clara essa falta teórica. Parece mesmo um legado, uma herança dos lacanianos ter que se haver com esse estado de coisas que se apresenta, antes de mais nada, como uma “petição de princípios”.

E, para concluir: a emergência do sujeito do inconsciente, do sujeito do desejo, enfim, do sujeito ético, vem a ser uma questão colocada no início de qualquer análise como vislumbre de algo a ser alcançado um dia. O sujeito, dividido pelo significante, barrado pela castração, está marcado pela sua relação com o Outro, através das operações de alienação e separação. Na obra de Freud a expressão lacaniana da “emergência do sujeito” não aparece explicitamente, porém, o que significa o célebre dito “*WO ES WAR, SOLL ICH WERDEN*” da terceira das Novas Conferências, senão a proposta de uma mesma visada, do dever (*SOLL*) da construção de uma mesma estrutura subjetiva? Assim, na obra de Marcus André fica pa-

tente que tanto Freud como Lacan pensaram a questão da psicanálise a partir de um mesmo prisma, ou seja, cada um à sua maneira deduziu que era imperativo uma renúncia ao gozo para se poder falar em sujeito do desejo. Ou seja, em ambos vamos encontrar os elementos constituintes de uma ética da psicanálise.

Enfim, uma obra como esta, *A Ética da Paixão*, pode, a meu ver se prestar a dois tipos de leitura diferentes e igualmente interessantes. A primeira é a que se faz sem largar o livro, do início ao fim, sem parar. Há, de fato, neste trabalho um apelo sedutor que, tenho certeza não deixará indiferente nenhum leitor que se interesse pelas questões sempre atuais da psicanálise. A segunda, resultante e complementar à primeira, seria a leitura da “degustação”. Esta é fora do tempo, sem pressões nem pressa. É a leitura que nos leva às fontes, que nos traz de volta à própria obra, bem mais exigentes e também com melhores condições para penetrar nos seus meandros, já sem grandes medos de nos perdermos em seus labirintos. É quando cada um acrescenta aquele “pouco de si mesmo” que é o sal da transmissão da psicanálise. Leitura transformada e transformadora de nossa relação com a teoria que sempre sai revigorada e também de nossa prática clínica, agora mais bem fundamentada. Neste ponto encerro meus comentários e “passo o anel” a você, leitor, para que possa conferir o que aqui foi sugerido, insinuado ou argumentado. E que o jogo continue!

Elisabeth Saporiti é psicanalista, doutora em Comunicação e Semiótica, autora de *A interpretação e A cientificidade da psicanálise: Popper e Peirce*. Membro fundadora da Associação dos Foruns e da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano.